



Ispá

Instituto Universitário
de Ciências Psicológicas,
Sociais e da Vida

**VINCULAÇÃO E AMIZADE COMO FATORES DE PROTEÇÃO
DA VIOLÊNCIA NO NAMORO ENTRE ADOLESCENTES**

CATARINA ISABEL MONTEIRO DINIS QUINTEIRO

Orientador de Dissertação

PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DOS SANTOS

Professor do Seminário de Dissertação

PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DOS SANTOS

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2024/2025

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Professor Doutor António José dos Santos, apresentada no ISPA - Instituto Universitário, para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica

Agradecimentos

Primeiramente quero agradecer ao meu orientador, Professor António José dos Santos pela sua orientação dedicada e auxílio constante.

À minha família deixo o meu mais sincero agradecimento pelo apoio incondicional e pelas palavras de incentivo que nunca faltaram. Principalmente à minha mãe, por ter sido o meu pilar fundamental e que tudo fez para que pudesse chegar até aqui. Ao meu avô, que partiu no meio deste projeto, e que sonhava com esta realização tanto como eu.

Ao meu namorado, Rúben, agradeço por todo o amor e apoio. Foste um verdadeiro conforto quando mais precisei e este caminho não teria sido igual se não te tivesse ao meu lado.

Aos meus amigos, pelas palavras de motivação, apoio e compreensão nos momentos de ausência. Obrigado, principalmente à Andreea, à Sofia, à Carolina e à Daniela, pela leveza que trazem à minha vida e por estarem sempre comigo.

Às minhas amigas do ISPA, deixo um agradecimento especial. O vosso apoio ao longo dos anos, as gargalhadas, as conversas e o incentivo mútuo foram fundamentais para que este caminho fosse mais leve e inesquecível.

Agradeço também à clínica Mindplace, onde tive o prazer de estagiar e às instituições de ensino que, gentilmente, permitiram a realização deste estudo. Um agradecimento especial ao meu Professor do ensino secundário que facilitou a recolha dos dados com grande disponibilidade e empenho.

Obrigada a todos, foi um sonho concretizado!

Resumo

A Teoria da Vinculação postula que os seres humanos possuem uma predisposição inata para a formação de vínculos afetivos essenciais para o desenvolvimento. A qualidade desse vínculo contribui para a criação de um padrão de vinculação que, posteriormente, servirá de modelo para as suas futuras relações, como o namoro. Um padrão de vinculação seguro reflete-se numa representação mental positiva de si mesmo e do mundo em redor. A amizade surge, mais tarde, como uma nova forma de base segura, uma vez que traduz ligações recíprocas voluntárias baseadas na confiança, lealdade e proximidade. Deste modo, o objetivo primordial deste projeto de dissertação assenta na verificação dos padrões de vinculação e da qualidade da amizade enquanto fatores de proteção do envolvimento dos adolescentes em relações de namoro onde predominam comportamentos violentos. A amostra é composta por 60 estudantes com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos. Os instrumentos utilizados foram um questionário sociodemográfico, *Kerns Security Scale (KSS)*, *Friendship Quality Questionnaire (FQQ)*, *Triangulated Version of the European Bullying Intervention Project Questionnaire* e o *Conflict in Adolescent Dating Relationship Inventory (CADRI - S)*. Os resultados revelam que a relação entre segurança e vitimização em relações de namoro foi moderada pelo próprio comportamento abusivo do adolescente, de forma que aqueles que são menos seguros e mais abusivos apresentaram maior risco de sofrer violência.

Palavras-chave: Vinculação, Amizade, Intimidação, Violência no Namoro, Adolescência.

Abstract

Attachment Theory posits that human beings have an innate predisposition to form emotional bonds essential for development. The quality of this bond contributes to the creation of an attachment pattern that will later serve as a model for their future relationships, such as dating. A secure attachment pattern is reflected in a positive mental representation of oneself and the world around. Friendships later emerge as a new form of secure base, as they represent voluntary reciprocal connections based on trust, loyalty, and closeness. Therefore, the primary objective of this dissertation project is to assess attachment patterns and friendship quality as protective factors in adolescents' involvement in dating relationships where violent behaviors predominate. The sample consisted of 60 students aged 14 to 17. The instruments used were a sociodemographic questionnaire, the Kerns Security Scale (KSS), the Friendship Quality Questionnaire (FQQ), the Bullying and Peer Abuse at School Questionnaire, and the Conflict in Adolescent Dating Relationship Inventory (CADRI-S). The results reveal that the relationship between secure security and victimization in dating relationships was moderated by the adolescent's own abusive behavior, such that those who are both less secure and more abusive were at higher risk of experiencing violence.

Key words: Attachment, Friendship, Bullying, Dating Violence, Adolescence.

ÍNDICE

Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Abstract	v
ÍNDICE	vi
Introdução	1
Enquadramento Teórico	3
Vinculação.....	3
Amizade	9
Intimidação	13
Violência no Namoro	19
Objetivo do Presente Estudo:.....	25
Metodologia	26
Participantes.....	26
Instrumentos.....	26
<i>Questionário de Dados Sociodemográficos.....</i>	<i>26</i>
<i>Security Scale Questionnaire (Fernandes et al., 2021)</i>	<i>27</i>
<i>Friendship Quality Questionnaire (DeSousa et al., 2012)</i>	<i>28</i>
<i>European Bullying Intervention Project Questionnaire – Adaptated Version (González-Cabrera et al., 2019).....</i>	<i>28</i>

<i>Inventário de Conflitos em Relações Amorosas de Adolescentes – Versão Curta (CADRI-S, Fernández-González et al., 2012)</i>	29
Procedimento	30
Resultados	32
Fiabilidade dos instrumentos	32
Análise Descritivas	33
Discussão	41
Limitações e Recomendações para Estudos Futuros	43
Bibliografia	45

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

TABELA 1 – ALFAS DE CRONBACH

TABELA 2 – CORRELAÇÕES ENTRE AS VARIÁVEIS

TABELA 3 – PROPORÇÕES DE ABUSIVOS VERSOS ABUSADOS NO CADRI-S

TABELA 4 – EFEITOS ENTRE SUJEITOS

TABELA 5 – ANÁLISE DE REGRESSÃO PREVENDO SER ABUSADO (CADRI_TN)

FIGURA 1 – REGRESSÃO DE SER ABUSADO (CADRI_TN)

Introdução

A Teoria da Vinculação postula que é na infância que as crianças encontram os alicerces fundamentais para a formação das suas relações interpessoais (Lima et al., 2006). As experiências iniciais emocionais, vividas nas interações com os cuidadores, conduzem à criação de modelos representacionais sobre si mesmas, as figuras cuidadoras e os outros (Matos & Costa, 2006). Neste sentido, quando uma criança internaliza o cuidador como alguém capaz de proporcionar a segurança necessária, estabelece-se um modelo positivo, essencial para o desenvolvimento de uma base segura que, posteriormente, servirá de molde para as suas relações futuras, como as amizades e os relacionamentos amorosos (Veríssimo et al., 2006).

A adolescência, por sua vez, constitui um período marcado por intensas transformações biológicas, sociais e psicológicas, durante as quais os adolescentes expandem os seus vínculos para além do núcleo familiar, delineando paralelamente a construção da sua própria identidade (Afonso & Teixeira, 2015). Nesse contexto, assiste-se a uma crescente relevância das amizades. Estas agem como uma nova fonte de confiança e apoio (Santos & Murta, 2016). Simultaneamente, ficam mais suscetíveis à influência dos amigos. Quando estes apresentam comportamentos positivos, a amizade atua como um fator de proteção face a diferentes obstáculos e desafios (Arriaga & Foshee, 2004). Devido à imaturidade cognitiva e emocional desta fase de desenvolvimento, os adolescentes apresentam, também, uma maior tendência para interiorizar crenças distorcidas acerca do significado das relações interpessoais, o que pode traduzir-se em situações de violência e intimidação (Bittar & Nakano, 2018).

A intimidação, atualmente, constitui uma problemática significativa, sendo amplamente discutida na comunidade científica. Pode ocorrer de forma direta ou indireta, sendo caracterizada por atitudes que visam causar desconforto a outra pessoa ou grupo (Nascimento & Menezes, 2013).

De forma complementar, a violência nas relações amorosas reflete um fenômeno que atravessa fronteiras culturais, étnicas, sociais e educacionais, sendo persistentemente enraizado em padrões históricos de desigualdade (Beserra et al., 2016). Em particular, a violência no namoro entre adolescentes tem-se revelado um tema recente, mas de crescente interesse científico pelas intensas consequências que impactam a vida dos adolescentes (Afonso & Teixeira, 2015).

A pertinência deste estudo prende-se com a relevância individual de cada tema. Apesar do crescente interesse científico sobre o tema da violência no namoro, ainda existem lacunas na literatura no que toca aos seus possíveis fatores protetores. A possibilidade de integrar de forma sistemática conceitos fundamentais do desenvolvimento adolescente, como os padrões de vinculação e a qualidade das amizades, com a análise da ocorrência de violência no namoro e intimidação permitem compreender os fatores de risco que potencializam comportamentos abusivos, mas também identificar fatores de proteção que podem orientar ações interventivas voltadas à promoção de vivências afetivas e sexuais mais saudáveis, bem como à prevenção de comportamentos abusivos nesta faixa etária (Beserra et al., 2016).

O objetivo primordial desta investigação assenta na análise dos padrões de vinculação e da qualidade da amizade como fatores de proteção face à presença de comportamentos violentos no namoro e de intimidação entre adolescentes, partindo-se da expectativa de que aqueles com padrões de vinculação seguros e amizades de elevada qualidade apresentem níveis mais baixos de violência e intimidação.

Enquadramento Teórico

Vinculação

A Teoria da Vinculação foi fruto de um projeto enriquecedor conjunto de John Bowlby e, posteriormente, de Mary Ainsworth (Bretherton, 1992). Bowlby, precursor desta teoria e inspirado pela etologia, investigou os efeitos da relação entre a mãe e o bebé. Por sua vez, Ainsworth, desenvolveu um método observacional e experimental direcionado ao estudo dos comportamentos infantis, tendo um papel crucial no estabelecimento dos padrões de vinculação e, simultaneamente, na compreensão dos efeitos da sensibilidade e responsabilidade do cuidador para responder adequadamente às necessidades da criança (Bretherton, 1992). Esta teoria tem sido amplamente utilizada em diversos estudos sobre os aspetos da parentalidade, especificamente como determinados padrões de vinculação impactam o desenvolvimento das crianças (Cardoso & Veríssimo, 2013).

A relação de vinculação é descrita como uma ligação afetiva que emerge por volta dos 7/8 meses de idade, como resultado das interações entre a criança e a sua figura afetiva, percebida como constante e exclusiva (Monteiro et al., 2008). Esta figura não tem de ser necessariamente a mãe biológica, mas sim uma pessoa que assuma o papel de tal (Ainsworth, 1979).

Primordialmente, foi estudada a hipótese de que a relação entre a mãe e o bebé, nos primeiros anos de vida, tinha como base a satisfação oral. Ou seja, o desenvolvimento libidinal predominava em relação à vinculação. No entanto, evidências empíricas vieram confirmar que os bebés não precisam necessariamente da alimentação para conseguirem estabelecer uma ligação afetiva com os seus cuidadores (Bretherton, 1992). Fundamentalmente, a Teoria da Vinculação veio explicar que a verdadeira necessidade está relacionada com a aproximação da figura afetiva (Bell & Ainsworth, 1972). Assim, percebe-se que a formação de vínculos, ao

longo do desenvolvimento, é uma necessidade biológica dos bebês com a finalidade de alcançar segurança para explorar o meio, a si mesmo e aos outros (Matos & Costa, 1996).

Bowlby considerava que determinadas reações instintivas do bebê como a sucção, o choro, o seguir, o sorrir e o agarrar funcionavam como mecanismos naturais de aproximação e de interação com a sua figura cuidadora (Bretherton, 1992; Soufre & Walters, 2017). Estas interações iniciais, bem como a qualidade com que ocorrem, foram descritas como fundamentais para um desenvolvimento saudável (Bell & Ainsworth, 1972). É através da repetição de interações que a criança começa a elaborar representações internas e construindo expectativas sobre disponibilidade, previsibilidade e sensibilidade do outro (Ainsworth, 1979). Essas representações apelidam-se de modelos internos e, mais tarde são refletidos nos seus relacionamentos. No entanto, tendem a evoluir, gradualmente, consoante as mudanças desenvolvimentais (Marrone, 2022). Deste modo, a figura cuidadora é vista como capaz de responder prontamente às necessidades do bebê, independentemente do contexto social onde estiver inserida (Waters et al., 2000). Em consequência, o bebê cria um modelo de *self* de si mesmo como merecedor de amor e proteção (Ainsworth et al., 1978).

Assim, os comportamentos parentais tais como: a sensibilidade, disponibilidade e responsabilidade, são vistos como respostas adequadas e positivas que potenciam a qualidade das interações e, conseqüentemente, as expectativas do bebê (Ainsworth et al., 2015). Tal como o toque físico e a comunicação face a face (Ainsworth, 1979). É construída uma base segura assente na conceção da figura cuidadora como alguém capacitada e disponível (Maia & Veríssimo, 2011). Esta base serve de apoio para que o bebê inicie a sua exploração no meio envolvente (Soufre & Walters, 2017).

As experiências na relação com os cuidadores baseadas em sentimentos de frustração e insensibilidade levam à criação de modelos de *self* de si, do cuidador e do mundo negativos

(Ainsworth et al., 1978). A criança tende a sentir-se desvalorizada e desmerecedora de amor, o que prejudica o seu desenvolvimento emocional e a sua exploração (Pinto et al., 2013).

O vínculo formado com a figura de vinculação pode tornar os momentos de separação particularmente intensos (Matos & Costa, 1996). Estes momentos representam um obstáculo para o bebé e por isso, é expectável que hajam de tentativas para uma nova aproximação (Duschinsky, 2015). Neste sentido, Bowlby acreditava que os bebés tinham competências naturais para interagir com o ambiente, desde que recebessem o apoio dos seus cuidadores (Waters et al., 2005). Ou seja, para que a exploração ocorra de forma pacífica e sem um grande sofrimento para a criança era necessário que existisse constância na exploração e, após o seu regresso, que fosse garantida a qualidade do afeto fornecido pela figura afetiva (Waters et al., 2000).

Mary Ainsworth, realizou um estudo (*The Baltimore Project*, 1963) no Uganda e mais tarde, nos EUA, baseado na observação direta dos comportamentos dos bebés com os seus cuidadores. Percebeu que as diferenças nos comportamentos das crianças estavam de facto relacionadas com as respostas parentais. Deste modo, foi possível atribuir padrões de vinculação tendo em conta as diferenças nas interações ocorrentes na relação entre a mãe e o bebé (Ainsworth et al., 2015). Foram descritos três padrões de vinculação: seguro, inseguro ambivalente e inseguro evitante (Bretherton, 1995). Mais tarde foi desenvolvido outro padrão de vinculação: inseguro-desorganizado (Waters et al., 2000).

No sentido de dar continuação ao estudo dos padrões de vinculação, Ainsworth, concebeu um procedimento experimental denominada como “Situação Estranha”, com o objetivo de compreender os padrões de comportamento existentes nas crianças com um ano de idade, tendo em conta o padrão de vinculação presente (Ainsworth et al., 2015). Esta experiência foi dividida em oito etapas, com a duração de vinte minutos cada uma.

Inicialmente, permanecia numa sala um bebé e a sua respetiva figura materna, juntando-se depois uma desconhecida para brincar com a criança enquanto a sua mãe se ausentava brevemente, retornando em seguida. Posteriormente dá-se outro momento de separação, em que tanto a mãe como a desconhecida saem da sala, deixando o bebé isolado. Por fim, ambas retornam para junto do bebé (Bretherton, 1992).

Foi possível descrever três grupos (A, B e C). O grupo A, após a separação apresentou pouca reação, sendo o choro praticamente nulo. Durante o reencontro, assistiu-se ao evitamento por parte do bebé. Por outro lado, também foi possível observar a procura de conforto acompanhado, simultaneamente, do evitamento relativamente à cuidadora. Por vezes, os bebés demonstravam menos evitamento com a estranha. O grupo B é caracterizado pela exploração tendo em conta a base segura da cuidadora. Nos momentos de separação, a exploração dos bebés diminuía e assistia-se à procura de proximidade da sua figura afetiva, acompanhada de algum sofrimento exibido pelo choro. No reencontro deu-se a aproximação da cuidadora com a tentativa de que esta perdure. Por último, no grupo C, foi observado alguma ansiedade por parte do bebé no processo de separação da mãe. No reencontro predominaram comportamentos marcados por sentimentos ambivalentes por parte do bebé, especificamente a necessidade de aproximação com alguns sinais de resistência. A exploração foi pouco potenciada, demonstrando alguma inatividade (Ainsworth et al., 2015). No grupo D, com um surgimento mais tardio, foram observados comportamentos pautados pela contradição e ambivalência, pois ora desejavam iniciar uma aproximação, ora optavam pela fuga da sua cuidadora (Duschinsky, 2015).

Assim, a relação pode definir-se como segura, insegura ambivalente e insegura evitante (Bretherton, 1995). Os bebés que têm uma base segura demonstram confiança na exploração e na brincadeira e revelam conforto no contato com os seus cuidadores. São capazes de se ajustarem ao corpo da mãe e explorar tanto o corpo da mesma, como visualmente o que se

encontra ao seu redor. Contrariamente, os bebês com um padrão de vinculação inseguro demonstram uma exploração pouco espontânea e uma angústia no contato com a mãe, pois tanto podem possuir dificuldades para iniciar o contato como preferem manter-se à distância, ou seja, são comportamentos contraditórios que evidenciam um comportamento conflituoso nas transições com a figura materna (Waters et al., 2000).

Evidências empíricas têm demonstrado que os comportamentos infantis e os padrões relacionais na vida adulta mantêm uma associação estreita com o estilo de vinculação adquirido precocemente (Laible, 2007). Percebe-se que a vinculação não se restringe apenas ao período da infância, mas constitui um processo contínuo, que acompanha o indivíduo ao longo do seu desenvolvimento. À medida que este cresce, novos contextos relacionais emergem, designadamente os vínculos com o grupo de pares e, posteriormente, as relações amorosas, que passam a desempenhar um papel igualmente relevante na consolidação da identidade e da maturidade socioemocional (Matos & Costa, 1996). Cada indivíduo desenvolve, assim, um padrão vinculativo singular, construído a partir das suas experiências pessoais e, em grande medida, influenciado pelas dinâmicas transmitidas no seio familiar ao longo das gerações (Bretherton, 1995).

Os indivíduos que desenvolvem uma base de vinculação segura tendem a apresentar um conjunto mais amplo de competências socioemocionais, associadas a uma menor propensão para a manifestação de comportamentos agressivos (Laible, 2007). Revelam maior capacidade de partilha e cooperação com os outros, bem como níveis superiores de autonomia, flexibilidade cognitiva, autoestima e autoconfiança elevadas, associadas a uma melhor regulação emocional e a uma maior eficácia na resolução de problemas quotidianos (Ainsworth et al., 1978). Destacam-se pela frequência acrescida de respostas positivas nos seus relacionamentos interpessoais (Sroufe, 2000). Possuem capacidades para demonstrar vulnerabilidades e procurar afeto e conforto, uma vez que se percebem como desejáveis

(Marrone, 2022). Ou seja, é neste elo vinculativo que a criança adquire as competências necessárias para regular as suas emoções e desenvolver competências sociais (Cassidy & Shaver, 2016).

Em oposição, quando desenvolvem uma base de vinculação insegura tendem a apresentar níveis elevados de ansiedade de separação, frequentemente acompanhados pelo medo intenso de rejeição ou de abandono (Bretherton, 1992). Este padrão relacional encontra-se associado a um predomínio de afetos negativos e a uma perceção generalizada dos outros como figuras indisponíveis ou incapazes de proporcionar apoio e cuidado adequados (Maia & Veríssimo, 2011). Experiências de cuidado deficitárias possuem uma maior propensão para níveis mais baixos de autoestima, o que se manifesta em comportamentos como retraimento social, timidez, insegurança e, por vezes, atitudes agressivas em relação aos outros (Álvarez-García et al., 2019). Possuem dificuldades em gerir e canalizar de forma adaptativa a sua emoção intensa acaba por ser expressas de forma desajustado, seja contra terceiros ou contra si próprios (Marty, 2006). As consequências deste padrão repercutem-se também a longo prazo, aumentando significativamente a probabilidade de desenvolvimento de perturbações emocionais, designadamente quadros ansiosos ou problemas de comportamento (Sroufe, 2000).

A qualidade das experiências iniciais de cuidado parental revela-se, portanto, determinante para o desenvolvimento, uma vez que exerce efeitos duradouros não apenas ao nível das relações interpessoais, mas também no desempenho académico, no bem-estar psicológico e, inclusive, na saúde física ao longo da vida (Yang et al., 2024). A presença de um padrão de vinculação seguro desempenha um papel central no desenvolvimento de um sentimento de confiança básica, o qual se torna fundamental para a construção de relações interpessoais saudáveis e satisfatórias. (Li et al., 2024).

Amizade

As transformações que ocorrem durante a adolescência geram um desequilíbrio significativo no sistema familiar, mesmo em contextos previamente estáveis. Tais alterações tornam a família mais vulnerável, exigindo novas adaptações (Parra et al., 2015). Assiste-se a uma crescente necessidade de intimidade interpessoal, caracterizada pela lealdade, empatia, compreensão, afeto e cuidado (Freitas et al., 2018). As amizades surgem em resposta a essas necessidades. Funcionam como uma extensão da base segura inicialmente fornecida pelo núcleo familiar (Freitas et al., 2018). Ou seja, da infância para a fase da adolescência assiste-se ao aumento gradual da procura de suporte emocional e desenvolvimento de vínculos mais profundos e íntimos (Yang et al., 2024).

À medida as relações extrafamiliares são fortalecidas, o adolescente começa a experimentar diferentes formas de interação, a compreender o impacto dos seus comportamentos nos outros e a desenvolver competências sociais e emocionais fundamentais para o seu crescimento (Freitas et al., 2018). A necessidade dos cuidadores para a satisfação de algumas necessidades continua a estar presente, no entanto os pares começam, em simultâneo, a executar esta função (Li et al., 2024). Os amigos passam a agir como fonte para compartilhar experiências e obter conselhos, sobretudo relacionados com relacionamentos afetivo-sexuais, uma vez que se sentem uma maior à vontade comparativamente com os familiares (Santos & Murta, 2016). No entanto, ambos revelam ser particularmente importantes no desenvolvimento dos adolescentes (Li et al., 2024). A amizade assume, assim, um papel central na adolescência, representando, frequentemente, a primeira oportunidade que os jovens têm de iniciar, sustentar e negociar vínculos próximos, equilibrados e independentes do contexto familiar (Castello et al., 2024).

Trata-se de uma relação caracterizada pela simetria e voluntariedade, marcada por elevada proximidade e reciprocidade, intensa comunicação, colaboração e pelo recurso a estratégias mais construtivas na resolução de conflitos. Desenvolve-se através de múltiplas interações frequentes, intensas e bidirecionais, que se consolidam ao longo do tempo e contribuem para o fortalecimento de competências sociais e emocionais. Para que se estabeleça de forma sólida, é fundamental que haja reconhecimento mútuo entre os envolvidos, isto é, cada indivíduo deve perceber o outro como amigo, sabendo que essa percepção é correspondida. A ausência de reciprocidade implica divergência nas percepções, podendo gerar dificuldades na interação e refletir lacunas na capacidade de comunicação e compreensão, resultando em desajustes emocionais ou comportamentais em um ou ambos os membros da relação (Freitas et al., 2018). Esta característica tem sido apontada como um fator de proteção frente a diversos comportamentos de risco na adolescência (Foshee et al., 2013).

Os adolescentes têm a inclinação para formar amizades com adolescentes que partilhem características semelhantes, como faixa etária, etnia ou comportamento (Rubin et al., 2008). Tendem a adotar comportamentos, estilos e roupas semelhantes, com o objetivo de encontrar uma sensação de segurança no grupo onde estão inseridos (Barbosa et al., 2011). Este fator leva a que determinados adolescentes criem uma dependência elevada dos amigos (Foshee et al., 2013). No entanto, a literatura vem demonstrar que a satisfação das necessidades individuais é um fator mais importante nas amizades do que a presença de similaridades. A satisfação nem sempre é mútua, mas pode ser complementar, ou seja, cada indivíduo oferece aquilo que consegue ou sabe fornecer, mesmo que não seja equivalente ao que o outro oferece. Desde que ambos os membros estejam satisfeitos com o que dão e recebem, a amizade tende a perdurar (Rubin et al., 2008).

Alguns adolescentes possuem um elevado número de amizades, no entanto a qualidade de cada uma delas é variável (Zhang et al., 2025). A qualidade da amizade baseia-se em várias

dimensões, como as funções da amizade que envolvem a parceria, entretenimento, cumplicidade, partilha, apoio, reconhecimento presentes na interação, a frequência de desentendimentos e conflitos entre os amigos também influencia e as estratégias utilizadas na resolução do mesmo (Normand et al., 2023). Esta característica desempenha um papel crucial na forma como os jovens são vistos e interagem com os seus pares, favorecendo dinâmicas sociais positivas, um ajustamento social e emocional mais eficaz e um aumento de competências sociais (Foshee et al., 2013). São proporcionados recursos valiosos para o desenvolvimento dos adolescentes, como apoio, carinho, boa convivência, momentos de lazer e segurança emocional, proporcionando por sua vez um aumento da autoestima e formação de percepções positivas acerca de si mesmo. Oferecem, ainda, oportunidades para a troca de confidências e para a partilhada de medos, interesses e expectativas.

Os fatores que dificultam o desenvolvimento de amizades de qualidade positiva durante a adolescência não são, ainda, completamente compreendidos, mas é provável que envolvam processos de desenvolvimento que se iniciam na primeira infância e se estendam ao longo do tempo (Bechtiger et al., 2024). No entanto, os adolescentes com amizades de elevada qualidade são geralmente percebidos como mais populares e sociáveis, e por isso, estão menos suscetíveis ao isolamento, exclusão ou de se tornarem vítimas de *bullying* (Freitas et al., 2008).

Ao longo do tempo, surgiram diversas hipóteses para explicar a centralidade atribuída pelos adolescentes aos amigos. Uma delas sugere que esta importância emerge como resposta a lacunas de cuidado em outros contextos, como na família ou na escola, funcionando as amizades como um amortecedor emocional, associado a percepções mais positivas por parte dos colegas e figuras de referência, que os consideram menos ansiosos, retraídos ou deprimidos (Rubin et al., 2008). Outra perspetiva indica que o grupo de pares constitui um espaço de identificação e confiança, onde os adolescentes podem partilhar desafios, preocupações, dúvidas e emoções de forma livre, sem a supervisão adulta. A preferência por confiar nos

amigos para trocar informações e desabafar está associada à ausência de espaços de diálogo no ambiente familiar, às dificuldades de comunicação com os pais muitas vezes resultantes de diferenças geracionais e ao receio ou vergonha de abordar certos temas. Comportamentos ou assuntos considerados tabus pelos pais contribuem igualmente para esta escolha (Santos & Murta, 2016).

As alterações cerebrais típicas desta fase intensificam a autoconsciência e elevam a sensibilidade e a vulnerabilidade dos adolescentes às opiniões, expectativas e julgamentos dos amigos. Esta suscetibilidade tende a diminuir no final da adolescência, à medida que a maturação cognitiva e emocional se consolida. Assim, de forma positiva e construtiva, a amizade exerce uma influência significativa através do que a literatura denomina controlo social. Neste contexto, a presença de amigos com atitudes e crenças pró-sociais torna-se um fator de proteção, desencorajando comportamentos desviantes e promovendo estratégias adaptativas de interação social. No entanto, o mesmo mecanismo de influência social pode funcionar em sentido contrário, favorecendo a propagação de comportamentos de risco, uma vez que os adolescentes envolvidos em situações abusivas tendem a identificar-se e a criar vínculos com amigos que experienciam situações semelhantes, perpetuando padrões de comportamento violentos e normalizando a agressividade no contexto das interações interpessoais (Arriaga & Foshee, 2004).

A investigação evidencia que o género desempenha um papel significativo na forma como os adolescentes experienciam e valorizam as amizades (Bechtiger et al., 2024). As raparigas tendem a atribuir maior importância à qualidade dos vínculos, apresentando expectativas elevadas quanto à intimidade, lealdade e apoio mútuo, o que se traduz em relações mais profundas e numa maior sensação de proximidade com os amigos. Consequentemente, as dificuldades experienciadas nas amizades afetam-nas de forma mais intensa do que os rapazes (Bechtiger et al., 2024). Além disso, o comportamento, as crenças e os problemas enfrentados

nas amizades exercem maior influência sobre as raparigas em áreas como sexualidade, agressão relacional, violência, consumo de álcool e tabaco, e pensamentos suicidas. Apesar desta vulnerabilidade, as raparigas demonstram, em média, maior autonomia relativamente ao grupo de colegas. Nos rapazes, por outro lado, os comportamentos desviantes dos amigos parecem apresentar uma associação mais direta com a adoção de condutas problemáticas (Arriaga & Foshee, 2004).

Intimidação

A manifestação de comportamentos agressivos na adolescência tem sido, ao longo das últimas décadas, amplamente estudada, com o objetivo de identificar e compreender os fatores que favorecem a sua continuidade e consolidação ao longo do desenvolvimento. A literatura tem demonstrado que tais comportamentos não são expressos de forma única, mas antes através de um conjunto diversificado de formas, que podem incluir agressões de carácter físico, reações de intensidade emocional elevada, sintomas psicossomáticos, estratégias de manipulação interpessoal e, ainda, o recurso a uma linguagem de teor ofensivo ou intimidatório. Este leque de expressões evidencia a complexidade do fenómeno e reforça a necessidade da utilização de abordagens multidimensionais para a sua análise e intervenção (Barros & Silva, 2006).

O conceito *bullying* refere-se a uma manifestação específica e persistente do comportamento agressivo, que tem recebido crescente atenção da comunidade científica nos últimos anos (Espelage et al., 2022). A sua origem etimológica remonta ao vocábulo inglês *bully*, que pode ser traduzido como agressor, opressor ou caracteriza o indivíduo que intimida outros. Quando utilizado como verbo, designa ações relacionadas com ameaçar, subjugar ou provocar medo noutrem (Nascimento & Menezes, 2013).

Este fenómeno apresenta elevada prevalência durante a adolescência e caracteriza-se por comportamentos intencionais e repetidos, que assumem diferentes formas de violência,

sejam elas físicas, verbais ou de natureza social (Hamstra & Fitzgerald, 2022). A sua distinção em relação a outras expressões de violência encontra-se em três aspetos centrais: a intencionalidade deliberada de causar dano, a repetição sistemática dos atos ou a constante ameaça da sua ocorrência e a presença de uma relação assimétrica de poder entre o agressor e a vítima. Nessa dinâmica, o primeiro detém algum tipo de vantagem, seja de ordem física, social ou psicológica, o que compromete significativamente a capacidade da vítima de reagir ou de se defender de forma eficaz (Espelage et al., 2022).

O termo intimidação é frequentemente descrito na literatura científica como uma manifestação do fenómeno do *bullying*, em virtude do seu impacto negativo no desenvolvimento social e emocional dos indivíduos. O termo é utilizado para designar comportamentos de natureza violenta, seja no plano físico ou emocional, praticados por um indivíduo ou por um grupo em relação a outra pessoa, incluindo não apenas os atos em si, mas também as respostas emocionais e comportamentais da vítima face ao abuso. A investigação tem identificado duas modalidades principais de intimidação: a direta e a indireta. A forma direta manifesta-se por meio de ações explícitas dirigidas à vítima, como agressões físicas, insultos, ameaças verbais, gritos ou provocações. Já a intimidação indireta ocorre de modo mais subtil, refletindo-se em atitudes que, embora menos visíveis, geram igualmente sofrimento psicológico. Entre estas podem destacar-se a exclusão social, o afastamento intencional da vítima do grupo de pares, o recurso a sarcasmo, piadas depreciativas ou imitações ridicularizantes, bem como a difusão de comentários maliciosos disfarçados de brincadeiras aparentemente inofensivas (Nascimento & Menezes, 2013).

De acordo com a literatura destacam-se diferentes papéis nas dinâmicas de violência. O papel de vítima atribui-se quando alguém permanece vulnerável às investidas agressivas e, tende a apresentar traços de ansiedade, insegurança, submissão, autoestima e autoimagem depreciativa (Martins, 2014). Normalmente, os alvos deste tipo de investidas são selecionados

a partir de algum traço, comportamento ou particularidade que é percebido de forma desfavorável ou desvalorizada dentro do contexto social que pertencem (Nascimento & Menezes, 2013). Geralmente, fatores como uma baixa autoestima, vulnerabilidade, pouca capacidade de reação ou procura de apoio externo são os mais propícios para que se enquadrem neste papel (Fernandes et al., 2016). A forma física e as habilidades corporais, simultaneamente, são alvos preferenciais de comentários e provocações por parte dos agressores, contribuindo para uma percepção corporal negativa entre os adolescentes (Álvarez-García et al., 2019). Existe também a vítima-agressiva que, embora também sofra intimidações, reproduz comportamentos hostis em relação aos outros, sem que necessariamente sejam seus agressores, como forma de compensação das suas fragilidades internas ou inseguranças.

O agressor é quem executa os comportamentos violentos com o objetivo de obter reconhecimento e um estatuto elevado perante outrem. Costuma exibir impulsividade, hiperatividade, reduzida empatia e uma visão inflacionada de si próprio. Por fim, a testemunha que apesar de não participar ativamente no fenómeno, assume um papel indireto crucial, no entanto pode divergir na forma como age. Há quem opte pelo silêncio e omissão; as que tentam intervir a favor da vítima; as que apoiam direta ou indiretamente o agressor e as que colaboram com as ações agressivas, assumindo o papel de cúmplices ou facilitadoras (Martins, 2014). No entanto, é importante realçar que quando adotam uma postura passiva, contribuem para a persistência do comportamento agressivo. Contrariamente, quando protegem a vítima, a amizade surge como fator explicativo predominante (Fernandes et al., 2016).

A relação entre quem agride e quem sofre a agressão estabelece-se através de comportamentos contínuos e frequentes de intimidação. Os agressores ganham cada vez mais controlo e influência sob as vítimas que, contrariamente, perdem a capacidade de reagir, tornando-se gradualmente mais frágeis emocionalmente e expostas a danos psicológicos (Armitage, 2021). Torna-se importante realçar que apesar da distinção entre papéis, existem

estudos científicos que comprovam que o comportamento humano em contextos de violência não é rígido. Uma pessoa que hoje é vítima pode, no futuro, tornar-se agressora, e vice-versa, remetendo para a troca de papéis (Espelage et al., 2022). No entanto, a exposição a dinâmicas de violência entre pares aumenta a probabilidade de um adolescente se envolver em comportamentos agressivos, seja na posição de agressor ou de vítima, reforçando a percepção de que a violência é socialmente aceitável (Arriaga & Foshee, 2004).

Os comportamentos de natureza agressiva tendem a apresentar um padrão evolutivo que varia consoante a faixa etária. Nos primeiros anos de escolaridade e no início da adolescência, observa-se uma maior incidência de episódios de violência entre pares, frequentemente caracterizados por dinâmicas intensas e em progressão acelerada. Contudo, à medida que os adolescentes avançam no seu desenvolvimento emocional, adquirindo maior capacidade de autorregulação e aperfeiçoando competências sociais, verifica-se uma tendência para a diminuição da frequência e da intensidade dessas condutas (Hamstra & Fitzgerald, 2022).

O contexto escolar constitui um dos principais cenários em que a problemática da agressividade se manifesta, podendo assumir formas diretas, como agressões verbais ou físicas, ou indiretas, como a exclusão social e a disseminação de rumores (Fernandes et al., 2016). As crianças e adolescentes que se encontram recorrentemente na posição de vítimas apresentam maior probabilidade de experienciar sentimentos de isolamento no ambiente escolar, o que afeta negativamente o seu envolvimento académico, conduzindo a desmotivação, absentismo injustificado e, em casos mais graves, ao insucesso ou mesmo ao abandono escolar (Armitage, 2021). Ainda assim, importa sublinhar que a violência não deve ser entendida apenas como um fenómeno circunscrito à realidade escolar, mas sim como um reflexo de problemáticas sociais mais abrangentes, cujas repercussões se estendem ao desenvolvimento emocional e social,

tanto das vítimas como dos agressores, podendo ter consequências prolongadas e significativas (Fernandes et al., 2016).

Os efeitos negativos são severos e baseiam-se na perda da autoconfiança, afastamento do convívio social, dificuldade em estabelecer e manter vínculos afetivos saudáveis e duradouros, queda no rendimento escolar por falta de foco, distúrbios do sono, alterações de humor, sensação de rejeição, marginalização, preconceito, evasão escolar, além do surgimento de problemas emocionais e físicos e, em casos mais graves, sentimentos de rancor e comportamentos retaliatórios (Nascimento & Menezes, 2013). Estes sintomas atuam como obstáculos na integração social da vítima ao longo da sua vida (Fernandes et al., 2016). Diversos autores têm estudado os fatores de risco associados à presença de comportamentos agressivos, como o consumo de substâncias psicoativas, agressões sexuais, o convívio com um grupo de amigos que exibem comportamentos agressivos, a vivência de bullying ou a prática dele, a violência no ambiente familiar e interações negativas entre pais e filhos (Borges et al., 2020).

Tem sido evidenciado por diversas pesquisas empíricas que o crescimento em contextos marcados por violência constitui um fator de vulnerabilidade significativo para o desenvolvimento de dificuldades emocionais e sociais ao longo da vida. Estuda-se que os adolescentes expostos a um ambiente familiar pautado por episódios de violência apresentem maior propensão para manifestar limitações na regulação das emoções e para integrar grupos sociais marginalizados, sendo esta tendência explicada pelos efeitos negativos da experiência traumática no desenvolvimento pessoal e interpessoal. Para além dos impactos diretos na saúde mental, adolescentes que foram alvo de abusos ou intimidação durante a infância revelam, com frequência, dificuldades na construção e manutenção de relações saudáveis, que podem traduzir-se em problemas de convivência com os pares, isolamento ou, em alguns casos, comportamentos agressivos. Este cenário resulta, em grande medida, de uma percepção negativa

acerca de si próprios, dos outros e do ambiente que os rodeia. Nessa perspectiva, as figuras cuidadoras foram entendidas como potenciais fontes de ameaça ou sofrimento, enquanto o mundo é um espaço inseguro e hostil (Hamstra & Fitzgerald, 2022).

Por outro lado, de acordo com a literatura, análises mais aprofundadas indicam que a experiência de abusos durante a infância constitui um fator de risco significativo para que, na adolescência, os indivíduos possam desenvolver comportamentos agressivos. Este fenómeno pode ser compreendido à luz de modelos de aprendizagem social, nos quais a agressividade é internalizada como uma resposta legítima ou aceitável nas interações interpessoais, funcionando como meio de alcançar poder, domínio ou controlo sobre os outros. Tal assimilação ocorre, frequentemente, através da repetição e da observação de comportamentos violentos no seio familiar, sobretudo por parte das figuras de cuidado primárias, que servem como modelos de conduta. Assim, os adolescentes que cresceram em contextos marcados por episódios de violência apresentam uma probabilidade acrescida de reproduzir padrões agressivos nas suas próprias relações sociais, quando comparados com aqueles que não tiveram este tipo de experiências. Este risco é particularmente elevado nos casos em que, para além de observarem tais dinâmicas, os jovens foram vítimas diretas de abusos, quer de natureza física, psicológica ou sexual (Hamstra & Fitzgerald, 2022). A vitimização parece, assim ensinar, de forma distorcida, que agredir é um comportamento válido no que toca à resolução de problemas ou como forma de proteção, criando um ciclo contínuo de agressão (Espelage et al., 2022).

Ainda na tentativa de explicar este conceito, surge uma explicação relacionada com a sensação de desamparo associada à sua infância. Concretamente, diante das mudanças intensas dessa fase, podem surgir sentimentos semelhantes aos de abandono experienciados durante a sua infância, especialmente em situações de falta de afeto ou cuidados. Assim na fase de adolescência, o individuo revê novamente a ausência da figura cuidadora, o que pode explicar também os seus comportamentos violentos. Maioritariamente, estes são utilizados na tentativa

de corrigir o que o adolescente percebe como uma injustiça ou um preconceito que acredita sofrer (Marty, 2006).

Violência no Namoro

O tema da violência do namoro constitui o alicerce fundamental deste projeto de dissertação. Anteriormente, a investigação sobre a violência nos relacionamentos centrava-se, unicamente, na fase adulta, desvalorizando outros tipos de relações, como os namoros na fase da adolescência (Caridade & Machado, 2013). Existia a percepção de que os relacionamentos entre adolescentes eram breves e instáveis, por isso não existiriam atos violentos, somente na fase adulta onde os vínculos afetivos são, por norma, duradouros e já consolidados (Bittar & Nakano, 2018).

A complexidade em torno da definição de violência no namoro, bem como as dificuldades associadas à sua mensuração prática e ao acesso à população adolescente têm representado obstáculos relevantes no avanço do conhecimento sobre esta temática, dificultando a validação empírica e em consequência, o seu aprofundamento académico. Esta lacuna compromete a robustez das intervenções desenvolvidas e reduz, significativamente, a eficácia das estratégias preventivas em ambiente escolar (Caridade & Machado, 2013).

O namoro define-se como uma ligação afetiva marcada pelo envolvimento emocional, proximidade física e compromisso mútuo (Afonso & Teixeira, 2015). Trata-se também de uma etapa marcada pela construção da identidade de género e pela definição dos papéis que cada indivíduo desempenha nesse processo (Herculan et al., 2020).

O contato inicial com experiências emocionais e sexuais representa um período de explorações e aprendizagens (Herculan et al., 2020). No entanto, a imaturidade cognitiva e emocional é típica desta fase de desenvolvimento (Guerreiro et al., 2015). Por isso, é

compreensível que alguns adolescentes possam ter a tendência de internalizar crenças distorcidas sobre o amor e os relacionamentos, como ideia de que o sofrimento e a dor estão, normalmente, presentes nas relações, traduzindo-se na aceitação da violência como uma forma de expressão afetiva ou como algo que possa ser tolerável em determinadas situações (Bittar & Nakano, 2018). Simultaneamente, os desconhecimentos sobre as dinâmicas saudáveis das relações podem levar a uma maior suscetibilidade para o conflito (Guerreiro et al., 2015).

A violência no namoro é uma forma de violência interpessoal (Espelage & Holt, 2006). Atualmente, é considerada um crime de saúde pública, caracterizada por atitudes dentro de uma relação íntima como agressões físicas, coação sexual, abuso emocional e atitudes de controle (Beserra et al., 2016). Ou seja, são diversas as formas de praticar atos violentos, o que torna desafiador classificá-los ou organizá-los hierarquicamente (Herculan et al., 2020). Nos estudos científicos destacam-se quatro tipos de comportamentos violentos: violência física, comportamento ameaçador, violência sexual e violência psicológica. A violência física consiste no uso de força corporal, objetos ou armas com a intenção de provocar danos a outra pessoa (Silva et al., 2007). O comportamento controlador manifesta-se através de atitudes de vigilância e intimidação, diretas ou indiretas, marcadas por comportamentos repetitivos, intrusivos e com intenção de causar desconforto, insegurança e vulnerabilidade (Coelho et al., 2014). A violência sexual ocorre quando alguém, que se considera detentor do poder, força outro a realizar atos sexuais sem o seu consentimento, utilizando força física, manipulação psicológica ou substâncias psicoativas. A violência psicológica é a mais dificilmente detetada, mas a mais prejudicial no desenvolvimento pessoal do indivíduo, uma vez que afeta a autoestima e a identidade da vítima. Manifesta-se através de intimidações, humilhações, manipulações emocionais, exigências excessivas, atitudes discriminatórias, aproveitamento indevido, julgamentos sobre a vida íntima, restrições à liberdade ou afastamento forçado do convívio com pessoas próximas, como familiares ou amigos (Silva et al., 2007).

Habitualmente, as vítimas sofrem mais do que um tipo de violência (Afonso & Teixeira, 2015). Ou seja, este fenómeno é visto como um processo gradual e discreto, sendo a agressão psicológica, na maioria das vezes, a primeira a surgir e de forma bastante subtil. A estratégia é enfraquecer emocionalmente a vítima, tornando-a mais vulnerável à reação ou proteção diante de futuras agressões, como as físicas ou sexuais (Silva et al., 2007). Infelizmente, alguns estudos sobre este tema, focam-se essencialmente na violência física, fazendo com que as restantes formas de violência pareçam menos importantes, contudo revelam-se igualmente prejudiciais (Afonso & Teixeira, 2015).

Em média, o primeiro episódio de violência no namoro sucede por volta dos 15 anos de idade (Arriaga & Foshee, 2004). Especificamente, em Portugal, 15% dos adolescentes foram vítimas de atos violentos e 27% foram envolvidos em comportamentos desse tipo (Ferreira et al., 2020). Relativamente aos papéis de género, a informação ainda é escassa no que toca a estatísticas, no entanto sabe-se que existem diferenças na prática de comportamentos violentos (Guerreiro et al., 2015). Foi notória a predominância masculina em relação à frequência, intensidade e impacto (Ferreira et al., 2020). A explicação para estes dados baseia-se na valorização do poder e do controlo por parte da população masculina, o que influencia a forma como experienciam os desentendimentos e as dinâmicas de poder no namoro (Caridade & Machado, 2013).

O ambiente escolar torna-se um ambiente bastante perigoso, uma vez que muitas dessas relações se desenvolvem neste meio, onde vítima e o seu agressor partilham o mesmo espaço. Normalmente, as vítimas de atos violentos no namoro, tendem a apresentar dificuldades escolares, refletindo-se em resultados negativos, em comparação com os colegas que não experienciam este tipo de violência (Guerreiro et., 2015). A disciplina de saúde e educação sexual, que fornece informações adequadas e cruciais no desenvolvimento dos adolescentes,

predomina em algumas instituições escolares, mas de forma reduzida, comparativamente com o esperado, expondo os adolescentes a diversos riscos acrescidos (Afonso & Teixeira, 2015).

As consequências da violência nas relações de intimidade são múltiplas e tendem a agravar-se quanto maior for a duração da relação e/ou a intensidade dos episódios de violência sofridos (Arriaga & Foshee, 2004). Vivenciar agressões no namoro acarreta uma série de prejuízos tanto a curto quanto a longo prazo, como depressão, ansiedade, fadiga crónica, cefaleias, associadas a sintomas psicossomáticos e dificuldades em desfrutar das atividades do quotidiano. É ainda comum a manifestação de comportamentos como choro frequente, pensamentos suicidas e a adoção de estratégias de evitamento, como o consumo de álcool ou substâncias psicoativas na tentativa de mitigar a dor emocional e física provocada pela violência. Em idades mais precoces, sentimentos de culpa e vergonha são recorrentes e podem atuar como fatores de manutenção da relação abusiva, dificultando o seu término. Adicionalmente, existe a elevada probabilidade de que as vítimas de violência no namoro venham, na idade adulta, a tornar-se vítimas de violência doméstica, uma vez que quando expostas a relações abusivas durante esta etapa formativa, os adolescentes correm o risco de interiorizar dinâmicas de dominação, controlo e violência, comprometendo, também, a capacidade de reconhecimento de futuros comportamentos abusivos (Guerreiro et., 2015).

Torna-se importante realçar que a vitimização difere entre adolescentes. Esta diferença é mediada por um vasto conjunto de fatores pessoais, relacionais e contextuais, que podem contribuir tanto para a amplificação como para a atenuação dos efeitos decorrentes da experiência de violência (Caridade & Machado, 2008). Ainda não é cientificamente claro os motivos pelos quais determinadas vítimas de violência no namoro apresentam repercussões mais graves do que outras, no entanto presume-se que uma possível explicação aponta para a possibilidade de vitimização em outros contextos ou situações para além do namoro, como por exemplo em ambiente escolar ou familiar (Espelage & Holt, 2006). Nem sempre existe

reciprocidade da agressão entre namorados, pois há casos em que a violência é unilateral, o que realça significativamente a complexidade das dinâmicas envolvidas. No entanto, existem evidências que corroboram a perspectiva de que, muitas vezes, as vítimas podem também adotar comportamentos agressivos em relações de namoro, mesmo que não seja tão comum (Arriaga & Foshee, 2004).

Neste sentido, na tentativa de explicar o fenômeno da violência nas relações entre adolescentes, alguns autores propuseram a ideia de que a experiência de ações violentas nos namoros pode ser entendida como um processo contínuo, que tem início na infância, dentro do ambiente familiar e que tende a repetir-se nos relacionamentos da vida adulta (Marty, 2006).

A Teoria da Aprendizagem Social, proposta por Bandura em 1986, tem sido bastante utilizada para explicar os comportamentos violentos em contextos de intimidade. Acredita-se que os adolescentes aprendem exclusivamente através da experiência, no entanto esta teoria explica que a observação de figuras significativas, como os pais, também age como modelo de conduta. Neste sentido, os adolescentes que visualizam a utilização da violência como estratégia eficaz para obter controle ou poder nas relações, sem consequências negativas, podem considerar estes comportamentos como legítimos ou funcionais. Simultaneamente, a visão positiva sobre as recompensas deste tipo de comportamento, como a submissão do/a parceiro/a ou aprovação dos pares, em contraste com as vítimas, que tendem a enfrentar penalizações emocionais e sociais, contribuem fortemente para a manutenção destes comportamentos, seja como perpetrador ou vítima (Arriaga & Foshee, 2004). De acordo com esta concepção, os adolescentes que numa fase muito precoce das suas vidas foram expostos a comportamentos violentos entre os pais ou sujeitos a abusos podem apresentar uma propensão mais elevada para replicar comportamentos agressivos ou para demonstrar maior complacência perante práticas abusivas nas suas relações (Caridade & Machado, 2013). Ou seja, a exposição a modelos parentais marcados pela violência pode influenciar negativamente a forma como

os/as adolescentes desenvolvem e vivenciam as suas próprias relações íntimas, uma vez que tendem a reproduzir essas mesmas formas de interação nas suas relações de namoro, seja assumindo o papel de agressor/a ou de vítima (Hamstra & Fitzgerald, 2022).

Objetivo do Presente Estudo:

O objetivo primordial deste estudo é verificar se os padrões de vinculação e amizade como fatores de proteção para os comportamentos violentos presentes nas relações de namoro entre adolescentes. Considerando a limitada quantidade de estudos empíricos que exploram simultaneamente estas variáveis, este estudo propõe-se a contribuir para a investigação nessa área. A faixa etária selecionada representa uma etapa crucial de desenvolvimento, sobretudo o desenvolvimento afetivo-sexual, no entanto pouco relacionada com o tema da violência. Deste modo, pretendeu-se analisar uma amostra de adolescentes, como a vinculação e a qualidade da amizade como fatores protetores da intimidação e da violência no namoro.

Metodologia

A abordagem metodológica deste projeto é quantitativa, especificamente um estudo descritivo, com o propósito de explorar as relações existentes entre as variáveis: violência no namoro, intimidação, vinculação e amizade. O estudo foi conduzido numa única fase temporal, caracterizando-se, assim, como transversal. A amostra foi selecionada através de um método não probabilístico. No modelo de investigação, identifica-se a violência no namoro e a intimidação como variáveis dependentes, enquanto a vinculação e a amizade são as variáveis independentes.

Participantes

Os participantes desta investigação são 60 estudantes, sendo 35 do sexo feminino e 25 do sexo masculino, com idades entre os 14 e 17 anos de idade. Os dados foram recolhidos na Escola Poeta Joaquim Serra, no Colégio Oriente e na Clínica Mindplace, após a autorização dos encarregados de educação. A maioria dos participantes (n=36) são da Escola Poeta Joaquim Serra, 12 são do Colégio Oriente e os restantes 12 pertencem à Clínica Mindplace. Em média as mães possuem 49 anos (DP=4,3) e 60,3% detém o ensino superior, 34,5% detém o ensino secundário e 5,2% o 3º ciclo do ensino básico. Os pais apresentam uma média de idades de 50 anos (DP=5,2) e 40% detém o ensino superior, 52,7% detém o ensino secundário, 3,6% o 9º ano e 3,6% o 4ª de escolaridade. Dos participantes, 33,3% tem irmãos.

Instrumentos

Questionário de Dados Sociodemográficos

Este instrumento teve como objetivo recolher informações essenciais relativas ao contexto pessoal dos participantes. O questionário incluiu perguntas relacionadas com a estrutura familiar, contemplando dados sobre os pais, como a sua idade, situação conjugal, nível de escolaridade e condição profissional atual. Adicionalmente, foram recolhidas

informações referentes ao gênero, a idade dos adolescentes e o respectivo número de irmãos, assim como a idade de cada um.

Security Scale Questionnaire (Fernandes et al., 2021)

A Escala de Segurança (SQQ) é um questionário que mede a percepção sobre a presença de comportamentos associados à proteção e ao conforto, mas também à disponibilização de suporte para a autonomia e exploração por parte das figuras cuidadoras (pai e mãe). O objetivo deste instrumento é avaliar se as figuras de vinculação funcionam como um porto seguro nos momentos de necessidade.

Originalmente, a escala possuía 15 itens que somente avaliavam a disponibilidade e responsividade dos cuidadores. No entanto, uma análise posterior dos itens revelou um desequilíbrio no sentido em que havia uma ênfase excessiva na função de refúgio seguro e uma representação insuficiente da dimensão de base segura para exploração. Em resposta a essa limitação, foram introduzidos novos itens com o objetivo de avaliar o apoio percebido dos cuidadores no apoio à exploração do ambiente, sendo atualmente constituída por uma estrutura bifatorial de 21 itens. A primeira subescala, denominada e Apoio como Refúgio Seguro e composta por 14 itens, averigua se recorrem aos pais em momentos de sofrimento emocional, valorizando a comunicação aberta sobre sentimentos e necessidades. A segunda subescala, Apoio à Exploração, composta por 6 itens avalia a forma como os cuidadores promovem a autonomia e incentivam à exploração e a enfrentar desafios. Cada item é avaliado através de uma escala de quatro pontos (1 a 4), sendo que pontuações mais altas representam maior segurança no vínculo. São apresentados dois tipos de comportamentos contrastantes, para que os participantes escolham com os mais se identificam.

A adaptação linguística do instrumento para português foi testada com o intuito de verificar a clareza dos itens e a adequação ao contexto cultural e linguístico da população mais nova.

Friendship Quality Questionnaire (DeSousa et al., 2012)

O Friendship Quality Questionnaire (FQQ) é composto por 40 itens dividido em 6 dimensões: Companheirismo e Recreação com 6 itens; Ajuda e Orientação com 9 itens, Troca Íntima com 6 itens; Validação e Cuidado com 10 itens, Resolução de Conflitos com apenas 3 itens e Conflito e Traição com 7 itens. O objetivo da sua utilização baseia-se na compreensão da forma como os adolescentes percebem a qualidade da amizade com uma pessoa próxima, como um/a melhor amigo/a tendo em conta as seis dimensões anteriormente mencionadas. Segundo as instruções, é pedido que o participante identifique o quão verdadeiro é a qualidade da sua relação de amizade com o seu melhor amigo. A pontuação do questionário varia de 1 a 5, especificamente de “nada verdadeiro” a “muito verdadeiro”.

Este instrumento apresenta boa fiabilidade e validade tendo sido amplamente utilizado em investigações que exploram a qualidade dos laços de amizade na infância, revelando relações significativas com variáveis como disciplina familiar, presença de sintomas depressivos e sentimentos de isolamento, vitimização entre colegas, além da consistência entre as perceções dos próprios amigos sobre a mesma relação.

European Bullying Intervention Project Questionnaire – Adaptated Version (González-Cabrera et al., 2019)

O *European Bullying Intervention Project Questionnaire* (EBIPQ) foi desenvolvido no âmbito de um projeto europeu de prevenção e intervenção de *bullying* no ambiente escolar, sendo amplamente utilizado em diferentes países e contextos culturais. O instrumento original é composto por 14 itens, distribuídos em duas dimensões: vitimização e agressão compostos

por sete itens cada. Os itens descrevem um comportamento típico de bullying, abrangendo formas físicas, verbais, sociais e psicológicas, e os participantes respondem de acordo com a frequência com que experienciaram ou praticaram tais comportamentos. O objetivo consistia na identificação dos papéis tradicionais relacionados com o envolvimento em situações de *bullying*, isto é, vítima e agressor, mas não contemplava o papel de testemunha, reconhecido na literatura como um elemento central na dinâmica da intimidação escolar.

Com o objetivo de colmatar esta limitação e proporcionar uma visão mais abrangente do fenômeno, González-Cabrera e colaboradores (2019) desenvolveram a versão adaptada do instrumento, na qual foram acrescentados sete itens redigidos na perspectiva de quem observa os comportamentos de intimidação, ou seja, no papel de testemunha. Assim, o questionário passou a integrar 21 itens no total, distribuídos por três dimensões: vítima, agressor e testemunha e cotado de acordo com uma escala tipo Likert de cinco pontos. Esta estrutura permite captar simultaneamente os diferentes perfis de envolvimento: vítima, agressor, testemunha, agressor/vítima, vítima/testemunha agressor/testemunha e, por fim, os três papéis agressor/vítima/espectador. Esta abordagem representa um avanço conceptual, estando mais próxima da realidade da dinâmica do *bullying*. No que diz respeito às propriedades psicométricas, revelou excelente validade fatorial e um bom alfa de Cronbach (0,88), evidenciando que se trata de uma medida fiável e adequada para a avaliação do bullying em adolescentes.

Inventário de Conflitos em Relações Amorosas de Adolescentes – Versão Curta (CADRI-S, Fernández-González et al., 2012)

O CADRI é um questionário desenvolvido com a finalidade de avaliar a presença de comportamentos abusivos em relacionamentos de namoro na adolescência. Inicialmente este era constituído por cinco dimensões: agressão física, violência sexual, comportamento ameaçador, abuso relacional e violência verbal/emocional. As alternativas de resposta para

cada item foram estabelecidas da seguinte forma: nunca (a situação descrita não ocorreu), raramente (ocorreu uma ou duas vezes), às vezes (verificada em aproximadamente 3 a 5 ocasiões) e muitas vezes (ocorreu seis vezes ou mais), representado uma escala tipo Likert de 1 a 4. Este instrumento apresenta boa consistência interna e estabilidade das respostas ao longo do tempo, por isso, tem sido utilizado diversas vezes em estudos sobre a violência no namoro entre adolescentes.

A sua composição engloba 46 itens com perguntas duplicadas, uma vez que se pretende avaliar os comportamentos do próprio participante, tendo em conta atos violentos, como os do respetivo namorado em situações de vitimização. Ao todo, o questionário inclui 92 questões o que o caracteriza como um instrumento único bastante longo, dificultando a sua utilização em conjunto com outros testes. Devido a essa limitação, alguns pesquisadores optaram por adaptar o instrumento, selecionando itens que avaliem a violência de forma mais restrita e direta. A sua versão reduzida, denominada como CADRI-S, composta por apenas 10 itens e pelas pontuações do CADRI original de 1 a 4 apresentou boa consistência interna para a população em geral, tendo em conta os diversos grupos existentes (Fernández-González et al., 2012).

Procedimento

Para a concretização do presente estudo, inicialmente foi necessário proceder à identificação de instituições que acolhessem adolescentes nas faixas etárias pretendidas. Após esta etapa, estabeleceu-se contacto com três entidades distintas: a Clínica Mindplace e a Escola Poeta Joaquim Serra, ambas localizadas no distrito de Setúbal e o Colégio Oriente em Lisboa. A cada uma destas instituições foi enviada uma carta de apresentação do projeto, na qual foram descritos os objetivos do estudo, a sua relevância científica e a forma como o mesmo seria operacionalizado. Conjuntamente foi elaborado um documento que solicitava a autorização formal para a participação dos respetivos educandos. Ficou claramente expresso que a participação era de carácter totalmente voluntário, não implicando quaisquer custos nem

benefícios materiais para os participantes, assegurando-se, igualmente, a confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos.

No Colégio Oriente e na Escola Poeta Joaquim Serra foram disponibilizadas salas adequadas para a aplicação dos instrumentos. Apesar de todos os adolescentes se encontrarem na mesma área, as provas foram respondidas individualmente, garantindo-se a privacidade das respostas. Já na Clínica Mindplace, os adolescentes compareciam individualmente, sendo a aplicação conduzida apenas pelo administrador do estudo. O processo iniciou-se com o preenchimento de um questionário sociodemográfico, destinado a caracterizar a amostra. Seguidamente, procederam ao preenchimento dos instrumentos de avaliação correspondentes às variáveis centrais em análise no presente estudo. A cotação dos instrumentos foi realizada por uma equipa de investigadores, assegurando-se o rigor no tratamento da informação obtida.

Resultados

Fiabilidade dos instrumentos

Tabela 1 – Alfas de Cronbach

Dimensões	Alphas	Nº itens
Base Segura M	.77	7
Refúgio Seguro M	.86	14
Base Segura P	.78	7
Refúgio Seguro P	.89	14
Companheirismo e Recreação	.71	5
Validação e Cuidado	.76	7
Ajuda e Orientação	.88	9
Troca Íntima	.82	5
Resolução de Conflitos	.61	3
Conflito e Traição	.63	7
FQQ Total	.93	33
Vitimização	.88	7
Agressividade	.84	7
Testemunhas	.84	7
CADRI TA (Total Abusivo)	.78	10
CADRI TN (Total Abusado)	.89	10

Nota. Valores $\geq .70$ indicam consistência interna aceitável; valores abaixo de .60 são considerados fracos.

A fiabilidade foi calculada para todas as dimensões. O instrumento de vinculação revela uma fiabilidade entre satisfatória para as bases seguras da mãe e do pai e boa para o refúgio seguro de ambos. Na dimensão da amizade, apenas as escalas de resolução de conflitos e conflitos e traição demonstram fraca fiabilidade. No total, o valor de alfa é excelente. Relativamente ao instrumento da Violência e Intimidação (Bullying), as três escalas apresentam uma boa fiabilidade. A fiabilidade do CADRI Total (TA) em relação ao abuso perpetrado pelo próprio adolescente é satisfatória. No caso do CADRI Total N em relação a ser abusado, o valor do alfa apresenta boa fiabilidade.

Análise Descritiva

Para investigar e medir o grau de associação entre as variáveis em análise, recorreu-se ao cálculo da correlação de Pearson considerando cada combinação das dimensões de vinculação, qualidade da amizade, intimidação e comportamentos agressivos no namoro.

Conforme apresentado na Tabela 2, foi possível verificar a existência de correlações positivas e significativas entre as dimensões de cada instrumento, uma vez que constituem o mesmo construto. O maior número de correlações acontece entre as dimensões da intimidação e a violência no namoro. Os itens AbusedT (abusado) e AbusingT (abusivo) demonstram correlações positivas com as dimensões do CADRI para o adolescente, sendo extremamente significativa com o instrumento total e a dimensão verbal e emocional. Os itens da intimidação referidos anteriormente quando relacionados com o instrumento CADRI revelam, também, correlações positivas. São extremamente significativas no instrumento total e nas dimensões de abuso sexual e abuso verbal e emocional. O AbusedT (abusado) e AbusingT (abusivo) apresentam entre si uma correlação extremamente significativa e positiva.

O companheirismo e recreação (comprec) apresenta correlações positivas moderadas com o instrumento de vinculação. A ajuda e orientação (helpgui) demonstra uma correlação com a base segura maternal. A intimidade (intdis) e o conflito e traição (conflbet) demonstram correlações ligeiras com o refúgio seguro do pai. A escala de agressividade correlaciona-se de forma negativa e moderada com a base segura materna. A dimensão de abuso físico do próprio apresenta uma correlação negativa com o refúgio materno. O Cadri TN e o abuso físico apresentam correlações negativas de fracas a moderadas com o instrumento de vinculação. O comportamento ameaçador demonstra correlações negativas com a base segura e o refúgio paterno. Simultaneamente, apresenta uma correlação positiva com a dimensão de conflito e traição no instrumento da amizade. O abuso sexual demonstra uma correlação negativa fraca

com a resolução de conflitos. O abuso verbal e emocional apresenta correlações negativas fracas com as dimensões da vinculação exceto com a base segura paterna, em que não apresenta qualquer tipo de correlação. O AbusedT apresenta correlações negativas com o instrumento de vinculação, sendo a mais fraca e não significativa com a base segura paterna. O AbusingT apenas demonstra uma correlação negativa fraca com o refúgio materno. O papel2 correlaciona-se positivamente com as escalas de agressividade, vitimização e testemunha, apresentando uma extrema significância quando correlacionada com a escala de testemunha.

A variável sexo demonstra correlações negativas pouco significativas com as dimensões de validação e o cuidado (valcar) e a ajuda e orientação do instrumento da amizade. Demonstra ainda, uma correlação positiva moderada bastante significativa com a escala de agressividade e uma correlação fraca com a escala de testemunha. A idade apresenta uma correlação negativa moderada com a resolução de conflitos. Tanto o sexo como a idade apresentaram correlações negativas fracas com o total do instrumento de amizade.

Tabela 2 – Correlações entre Variáveis

	SecureBaseM	SafeHavenM	SecuBaseP	SafeHavenP	CompRec	ValCar	HelpGui	IntDis	ConfIRes	ConfIBet	TotPQ	Esc_Vit	Esc_Agr	Esc_Res t	Papel2	PRS	CADRI_TA	PhyAb_A	ThrAb_A	SexAb_A	VEmpAb_A	CADRI_TN	PhyAb_N	ThrAb_N	SexAb_N	VEmpAb_N	AbusedT	AbusingT	Sex0	Idade	
SecureBaseM	--																														
SafeHavenM	,75***	--																													
SecuBaseP	,36**	,43***	--																												
SafeHavenP	,44***	,60***	,76***	--																											
CompRec	,37**	,28*	,27*	,36**	--																										
ValCar	0,18	0,03	0,03	0,09	,478***	--																									
HelpGui	,345**	0,19	0,11	0,16	,702***	,556***	--																								
IntDis	0,14	-0,04	0,18	0,19	,374**	,650***	,614***	--																							
ConfIRes	0,17	0,12	0,22	,28*	,383**	,445***	,453***	,501***	--																						
ConfIBet	-0,03	0,00	-0,11	-0,08	-0,13	-0,08	-0,08	-0,02	-0,03	--																					
TotPQ	,318*	0,16	0,22	,29*	,783***	,771***	,863***	,792***	,696***	-0,09	--																				
Esc_Vit	-0,18	-0,14	-0,22	-0,14	-0,10	0,02	0,06	0,22	0,07	0,07	0,06	--																			
Esc_Agr	-,332**	-0,18	-0,11	-0,08	-0,25	-0,20	-0,16	0,10	-0,09	-0,18	-0,15	,593***	--																		
Esc_Test	-0,13	0,03	-0,07	-0,01	0,03	0,10	0,06	0,16	0,09	0,05	0,11	,593***	,506***	--																	
Papel2	0,07	0,04	-0,11	0,01	0,12	0,13	0,11	0,20	-0,04	-0,15	0,13	,275*	,266*	,458***	--																
PRS	0,14	-0,01	-0,15	-0,05	-0,01	0,11	0,16	0,22	0,23	0,12	0,18	,272*	-0,08	0,07	0,04	--															
CADRI_TA	-0,14	-0,20	-0,21	-0,24	-0,07	0,02	-0,03	-0,14	-0,16	0,15	-0,10	-0,04	0,05	0,07	0,02	0,00	--														
PhyAb_A	-0,10	-,343**	-0,18	-0,10	0,19	0,18	0,21	0,18	0,06	-0,20	0,21	0,03	-0,05	-0,05	0,13	0,09	,433***	--													
ThrAb_A	-0,11	-0,25	-,274*	-0,25	0,00	0,01	0,01	-0,11	-0,17	0,14	-0,07	-0,07	-0,04	0,06	0,06	0,06	,844***	,555***	--												
SexAb_A	-0,07	0,01	-0,09	-0,14	-0,12	-0,01	-0,14	-0,22	-0,15	0,11	-0,17	-0,03	0,06	-0,04	-0,07	-0,12	,738***	0,04	,404**	--											
VEmpAb_A	-0,14	-0,16	-0,15	-0,21	-0,11	-0,01	-0,04	-0,12	-0,13	0,17	-0,11	-0,02	0,10	0,12	0,01	0,00	,939**	,257*	,670***	,672***	--										
CADRI_TN	-,278*	-,307*	-,300*	-,348**	-0,13	0,01	-0,12	-0,14	-0,24	0,19	-0,16	0,00	0,07	0,06	0,03	0,02	,837***	,404**	,818***	,543***	,741***	--									
PhyAb_N	-,364**	-,350**	-,306*	-,288*	-0,03	0,02	-0,08	0,02	-0,02	0,02	-0,03	0,10	0,22	0,11	0,14	0,12	,479***	,411**	,492***	0,19	,432***	,691***	--								
ThrAb_N	-0,19	-0,24	-,313*	-,346**	-0,06	0,01	-0,07	-0,16	-0,21	,254*	0,13	-0,05	-0,01	0,09	0,05	0,04	,799***	,315*	,894***	,499***	,855***	,922***	,631***	--							
SexAb_N	-0,14	-0,08	-0,19	-0,21	-0,18	0,00	-0,13	-0,19	-,262*	0,20	0,20	0,05	0,11	0,06	-0,12	-0,10	,600***	0,15	,500***	,488***	,568***	,806***	,349**	,648***	--						
VEmpAb_N	-,285*	-,328*	-0,25	-,326*	-0,14	0,00	-0,13	-0,13	-0,22	0,12	-0,16	-0,04	0,04	0,02	0,05	0,01	,871***	,438***	,719***	,648***	,814***	,914***	,612***	,773***	,667***	--					
AbusedT	-,313*	-,300*	-0,21	-,255*	-0,19	-0,09	-0,16	-0,10	-0,18	0,10	-0,19	-0,10	0,04	-0,02	0,09	-0,08	,565***	,316*	,378**	,323*	,625***	,571***	,335**	,348**	,468***	,743***	--				
AbusingT	-0,18	-,278*	-0,20	-0,24	-0,15	-0,05	-0,04	-0,02	-0,10	0,12	-0,09	0,01	0,11	0,07	0,05	-0,06	,664***	,339**	,406**	,346**	,785***	,540***	,359**	,373**	,437***	,676***	,794***	--			
Sex0	-0,15	0,05	0,02	0,02	-0,21	-,270*	-,258*	-0,21	-0,15	-0,12	-,278*	0,14	,417***	0,25	-0,09	-0,25	-0,11	-0,23	-0,19	-0,01	-0,04	-0,04	0,01	-0,13	0,12	-0,04	0,04	-0,04	--		
Idade	-0,01	0,00	-0,08	-0,12	-,284*	-0,18	-0,23	0,15	-,318*	0,00	-,298*	-0,01	-0,04	-0,15	-0,06	-0,01	0,14	0,15	0,07	0,12	0,14	0,07	-0,03	-0,01	0,06	0,17	0,23	0,14	0,04	--	

*** p<.001
** p<.01
* p<.05

Dos 60 adolescentes, 23 (38,3%) relataram comportamentos abusivos e 25 (41,7%) indicaram ter sido vítimas. Por dimensão, o abuso físico ocorreu em 4 (6,7%) abusivos e 5 (8,3%) abusados; abuso sexual não teve perpetradores, mas 4 (6,7%) vítimas; comportamento ameaçador contou com 8 (13,3%) abusivos e 7 (11,7%) abusados; abuso relacional apresentou 6 (10%) abusivos e 10 (16,7%) abusados; e violência emocional foi a mais frequente, com 22 (36,7%) abusivos e 24 (40%) abusados. (ver Tabela 3)

Tabela 3 - Proporções de Abusivos versus Abusados no CADRI-S

		Escalas	Número	%
Par 1	Abusivos	PhyAA	4	6,7
	Abusados	PhyAN	5	8,3
Par 2	Abusivos	ThrAA	8	13,3
	Abusados	ThrAN	7	11,7
Par 3	Abusivos	SexAA	0	100
	Abusados	SexAN	4	6,7
Par 4	Abusivos	RelAA	6	10
	Abusados	RelAN	10	16,7
Par 5	Abusivos	VEmAA	22	36,7
	Abusados	VEmAN	24	40
Par 1	Abusivos	AbsusingT	23	38,3
	Abusados	AbsusedT	25	41,7

N=60

Análise Multivariada

A variável GR2ATT refere-se à categorização dos adolescentes em função da qualidade da vinculação parental, considerando níveis baixos ou elevados de base segura e porto seguro em relação à mãe e ao pai.

Foi realizada uma análise multivariada para verificar se existiam efeitos globais da vinculação, sexo e da interação entre ambos sobre o conjunto das variáveis dependentes. Foi possível averiguar a existência de, apenas, um efeito multivariado estatisticamente significativo da vinculação ($F(11,45) = 3,02$; $p = 0,004$; Λ de Wilks = 0,575). O sexo não demonstrou um efeito multivariado significativo ($F(11,45) = 1,39$; $p = 0,211$; Λ de Wilks = 0,747).

Relativamente à análise dos efeitos entre sujeitos (ver Tabela 4), a vinculação (Gr2ATT) apresentou efeitos significativos em várias dimensões da amizade como no companheirismo e recreação (CompRec), ajuda e orientação (HelpGui) e Intimidade (IntDis) e um efeito marginal em validação e cuidado (valcar). Adicionalmente, teve efeitos significativos em algumas dimensões da violência: abuso físico (PhyAb_N) e abuso verbal e emocional (VEmAb_N). A idade apresentou efeitos significativos nas dimensões de companheirismo e recreação (CompRec) e resolução de conflitos (ConflRes)

O sexo, apesar de não apresentar efeito multivariado global, influenciou significativamente algumas dimensões da amizade nas dimensões de validação e cuidado (ValCar) e ajuda e orientação (HelpGui). Foi observado também um efeito marginal na intimidade (IntDis). Relativamente à interação entre Gr2ATT e Sexo, apenas foi observado um efeito marginal no comportamento ameaçador do namorado (ThrAb_N).

Tabela 4 – Efeitos entre sujeitos

Origem	Varável	F	p	
Idade	TotPQ	4,997	0,029	*
	CompRec	4,250	0,044	*
	ConflRes	5,175	0,027	*
Sexo	TotPQ	5,041	0,029	*
	ValCar	4,295	0,043	*
	HelpGui	4,165	0,046	*
	IntDis	3,083	0,085	+
Gr2ATT	TotPQ	10,281	0,002	**
	CompRec	13,957	<0,001	***
	ValCar	2,951	0,091	+
	HelpGui	7,781	0,007	**
	IntDis	3,693	0,006	**
	CADRI_TN	5,892	0,019	*
	PhyAb_N	8,201	0,006	**
	VEmAb_N	8,640	0,005	**
Sex0 *	ThrAb_N	2,924	0,093	+
Gr2ATT				

+ p<.10; * p<.05; ** p<.01; *** p<.001.

Análise de Regressão Múltipla

Através da Análise de Regressão Múltipla (ver Tabela 5), foi possível verificar a presença de uma moderação na relação entre a vinculação e a violência no namoro. Por sua vez, idade e sexo não apresentaram efeitos significativos. O modelo geral revelou uma magnitude elevada, explicando 90% da variância da variável dependente. A vinculação (Gr2ATT) apresentou um efeito principal com os jovens do grupo mais seguro a sofrerem menos abuso, mas também um efeito de interação com o abuso perpetrado. A qualidade da amizade (TotPQ) evidenciou efeitos principais e de interação marginais. A violência exercida pelo próprio (CADRI_TA) apresentou um efeito principal, com os jovens mais abusivos a serem mais abusados, mas também um efeito de interação com a vinculação ambos significativos.

Tabela 5. Análise de Regressão prevendo ser Abusado (CADRI_TN)

Preditores	<i>b</i>	<i>ep</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	IC 95%	
constante	13.60	5.67	2.40	.02*	2.21	24.98
Gr2ATT (X)	-1.86	.53	-3.50	.00**	-2.92	-.79
TotPQ (W)	2.98	1.50	1.99	.05+	-.03	6.00
Int_1 (X*W)	-1.72	.88	-1.94	.06+	-3.49	.06
CADRI_TA (Z)	3.16	.41	7.65	.00***	2.33	3.99
Int_2 (X*Z)	-1.04	.29	-3.57	.00**	-1.62	-.45
Idade	.02	.34	.05	.96	-.67	.71
Sexo	.68	.50	1.35	.18	-.33	1.69

Modelo

$$R^2 = .90, F(7, 52) = 31.58 ***$$

$$\text{INT 1: } \Delta R^2 = .01, F(1, 52) = 3.77 +$$

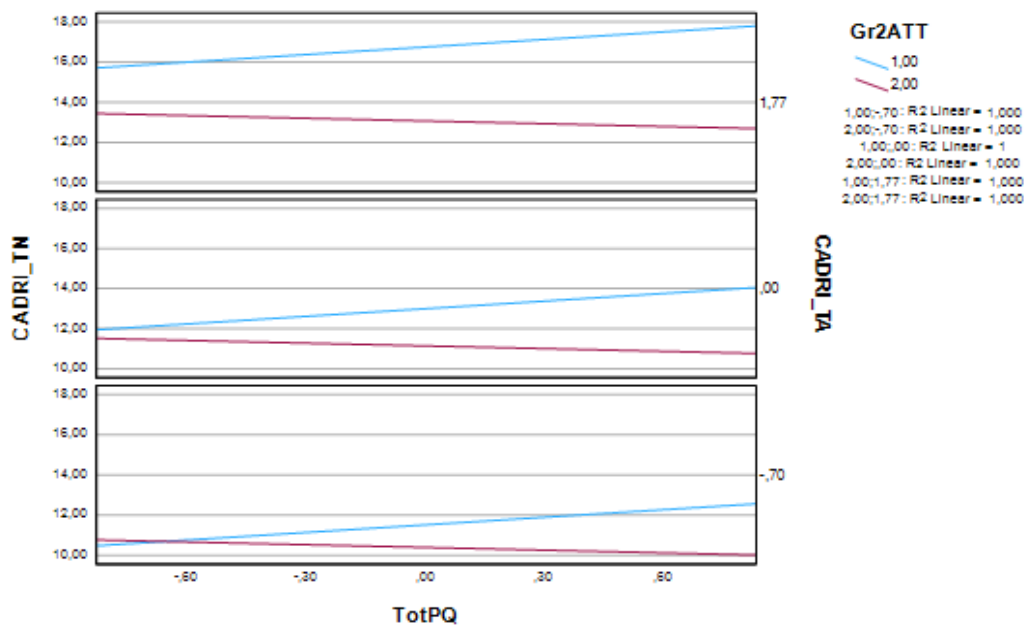
$$\text{INT 2: } \Delta R^2 = .05, F(1, 52) = 12.77 **$$

$$\text{AMBAS: } \Delta R^2 = .06, F(2, 52) = 8.52 **$$

+ $p < .10$; * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

A interação significativa entre vinculação e abuso exercido ($X*Z$), indica a presença de um efeito de moderação no modelo. Os jovens do grupo menos seguro são os mais abusados quanto mais são abusivos. Para além deste efeito, observou-se ainda uma tendência marginal relativamente à moderação do efeito da vinculação pela qualidade da amizade. A Figura 1 demonstra, portanto, que os adolescentes com vinculação mais segura apresentam níveis mais baixos e estáveis de abuso quando a qualidade da amizade aumenta. Os sujeitos com uma vinculação menos segura apresentam níveis mais altos de abuso sofrido, há medida que reportam uma perceção mais elevada da qualidade da amizade. Contudo no presente estudo, este efeito de moderação, $p=0.05$, é ainda marginal e não significativo.

Figura 1 - Regressão de ser Abusado (CADRI_TN)



Discussão

Através dos resultados obtidos foi possível alcançar uma compreensão mais aprofundada das relações fundamentais entre as variáveis em análise. O instrumento KSS permitiu categorizar os adolescentes em função da qualidade da vinculação, distinguindo entre vinculação segura e insegura. As evidências mostraram que a vinculação segura exerce um efeito significativo na qualidade das amizades, nomeadamente em dimensões como companheirismo e recreação, ajuda e orientação, intimidade e capacidade de resolução de conflitos. Os adolescentes que possuem uma vinculação segura tendem a estabelecer amizades mais próximas e cooperativas, caracterizadas por apoio mútuo, confiança e interações construtivas, refletindo as competências socioemocionais previamente desenvolvidas (Laible, 2007).

No que diz respeito ao sexo, não se observaram efeitos significativos globais, embora tenham surgido diferenças pontuais. Este resultado sugere que a qualidade da vinculação exerce um impacto mais determinante do que o género (Dwyer et al., 2010). Verificou-se que, no género feminino, a vinculação segura está associada a maiores níveis de compreensão emocional, ajuda e orientação, trocas íntimas e resolução de conflitos. Já no género masculino, embora se observe também um efeito protetor da vinculação segura, os valores mantêm-se mais estáveis e baixos, independentemente da vinculação. Estes resultados encontram suporte na literatura, que aponta que as raparigas atribuem maior importância à qualidade das amizades, procurando maior intimidade, lealdade e apoio mútuo, ao passo que também experienciam de forma mais intensa as dificuldades nesses laços (Bechtiger et al., 2024).

Evidencia-se que a intimidação e a vitimização não se limitam a um único contexto, mas tendem a ocorrer em múltiplos ambientes sociais. Este padrão sugere que os adolescentes que experienciam agressão em um contexto são mais vulneráveis a replicar ou sofrer violência noutros, refletindo a natureza sistémica da vitimização (Espelage et al., 2022). Este padrão

sugere que os jovens podem ter internalizado modelos de comportamento agressivo, baseados em relações de dominância e submissão, que se transferem de um contexto para outro (Carrascosa et al., 2023).

A forte uma correlação entre ser abusado ser abusivo realçou que a violência no namoro entre adolescentes é frequentemente recíproca, na medida em que os adolescentes que experienciam vitimização podem, simultaneamente, exercer comportamentos agressivos, criando ciclos de violência bidirecional. A elevada proporção de adolescentes envolvida em situações de violência, sobretudo quando há uma duplicidade de papéis verificada nos resultados reforça a falta de rigidez nos papéis sugerindo que um adolescente que ocupa o papel de abusado pode ocupar o de abusador ou o inverso (Espelage et al., 2022).

A violência emocional destacou-se como a forma mais prevalente em ambos os papéis, uma vez que é frequentemente mais normalizada e difícil de reconhecer, em comparação com formas mais explícitas de violência. O abuso físico foi pouco frequente e o abuso sexual apenas se apresentou como experiência de vitimização, corroborando os estudos que indicam que a violência mais prevalente na adolescência tende a ser emocional e relacional (Silva et al., 2007; Álvarez-García et al., 2019). A menor incidência de abuso físico e sexual evidencia a forte necessidade prevenção de formas mais subtis de violência, frequentemente normalizadas pelos adolescentes (Caridade & Machado, 2013).

Os adolescentes com baixos níveis de vinculação apresentaram médias mais elevadas de violência, sobretudo emocional e física, sugerindo que a vinculação insegura pode constituir fator de risco para o envolvimento em relações amorosas violentas, seja como vítimas ou perpetradores. Enquanto os adolescentes com uma vinculação mais segura possuem uma menor tendência para comportamentos violentos no namoro (Álvarez-García et al., 2019).

A existência de um efeito moderador significativo entre a vinculação e a violência no namoro revela-se particularmente relevante, na medida em que sugere que a vinculação não atua isoladamente. A sua influência depende do envolvimento do adolescente em comportamentos agressivos, essencialmente quando há reciprocidade. Assim, mesmo quando a vinculação mais segura tende a proteger contra a vitimização, este efeito protetor diminui quando o adolescente é menos seguro e também adota comportamentos agressivos (Capaldi et al., 2007). Este risco reforça a importância de intervenções direcionadas a ambos os papéis (Espelage et al., 2022).

Por outro lado, os efeitos marginais observados na interação entre vinculação e qualidade da amizade demonstram que apesar de amizades de elevada qualidade serem habitualmente apontadas como um fator protetor, dimensões como resolução de conflitos e conflito e traição, apresentaram correlações fracas com a vinculação e com a violência, sugerindo que nem sempre a intimidade e confiança nos pares são suficientes para diminuir os comportamentos agressivos (Bechtiger et al., 2024). Por outro lado, nos adolescentes com menos segurança, as amizades podem paradoxalmente amplificar a vulnerabilidade à violência no namoro. Tal poderá dever-se à natureza ambivalente das relações de amizade, que tanto podem assumir um papel protetor como, em determinados contextos, reforçar comportamentos de risco. Assim, em vez de atuarem como fator de proteção, estes laços podem fortalecer dinâmicas negativas, legitimando comportamentos agressivos e criando um contexto em que a violência é vista como aceitável ou até expectável (Arriaga & Foshee, 2004).

Limitações e Recomendações para Estudos Futuros

Embora os dados tenham sido recolhidos em diferentes contextos (escolar e clínico), a dimensão da amostra revelou-se reduzida. A natureza sensível de temas como a violência no namoro e a intimidação, abordados no estudo contribuiu para que alguns encarregados de educação não autorizassem a participação dos seus filhos, comprometendo a representatividade

dos resultados, na medida em que reduz o poder estatístico das análises e a possibilidade de detetar efeitos mais subtis, mas potencialmente relevantes.

Outra limitação prende-se com o recurso aos instrumentos utilizados. Apesar de serem uma ferramenta prática, estão sujeitos a enviesamentos como a desejabilidade social e a tendência para omitir ou minimizar comportamentos considerados socialmente inaceitáveis. O carácter transversal do estudo constitui igualmente uma restrição, dado que impossibilita estabelecer relações de causalidade entre as variáveis analisadas. Estudos futuros beneficiariam de uma abordagem longitudinal, que permitisse acompanhar os adolescentes ao longo do tempo, clarificando os mecanismos de influência entre vinculação parental, qualidade das amizades, experiências de bullying e envolvimento em relações de namoro violentas.

Atualmente, os adolescentes estão profundamente inseridos no mundo tecnológico e passam grande parte das suas interações através das redes sociais, plataformas de mensagens instantâneas e outros meios online. Este contexto deu origem a uma nova forma de agressão, a violência digital, como o controlo excessivo do parceiro através do telemóvel, a difusão de mensagens abusivas ou comportamentos de cyberbullying. Deste modo, as futuras investigações deveriam considerar a violência digital como uma atual e perigosa forma de intimidação e violência em geral e no namoro entre adolescentes.

Bibliografia

Afonso, J., & Teixeira, F. (2015). Olhares sobre a violência no namoro: Um projeto com adolescentes do ensino secundário. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 10(2), 504–523.

Ainsworth, M. S. (1979). Infant–mother attachment. *American Psychologist*, 34(10), 932–937. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.34.10.932>

Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Erlbaum. <https://doi.org/10.4324/9780203758045>

Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. N. (2015). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation* (pp. 1–55). Psychology Press. <https://doi.org/10.4324/9780203758045>

Álvarez-García, D., Núñez, A., Pérez-Fuentes, M. D. C., & Núñez, J. C. (2019). Peer victimization in overweight adolescents and its effect on their self-esteem and peer difficulties. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(1), 16. <https://doi.org/10.3390/ijerph17010016>

Araújo DeSousa, D., Roller, S. H., Welter Wendt, G., & Lisboa, C. (2014). Psychometric properties of the Brazilian version of the Friendship Quality Questionnaire in a community sample of children and early adolescents. *Universitas Psychologica*, 13(2), 423–431. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.UPSY13-2.ppbv>

Armitage, R. (2021). Bullying in children: Impact on child health. *BMJ Paediatrics Open*, 5(1), e000939. <https://doi.org/10.1136/bmjpo-2020-000939>

Arriaga, X. B., & Foshee, V. A. (2004). Adolescent dating violence: Do adolescents follow in their friends' or their parents' footsteps? *Journal of Interpersonal Violence, 19*(2), 162–184. <https://doi.org/10.1177/0886260503260247>

Barbosa, M. R., Matos, P. M., & Costa, M. E. (2011). As relações de vinculação e a imagem corporal: Exploração de um modelo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 27*(3), 273–282. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000300002>

Barros, P., & Silva, F. B. N. (2006). Origem e manutenção do comportamento agressivo na infância e adolescência. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, 2*(1), 55–66.

Bechtiger, L., Steinhoff, A., Dollar, J., Keane, S., Calkins, S., & Shanahan, L. (2024). Developmental cascades from maternal depressive symptoms in childhood to adolescents' friendship quality: A 13-year longitudinal study. *Developmental Psychology*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1037/dev0001834>

Bell, S. M., & Ainsworth, M. D. S. (1972). Infant crying and maternal responsiveness. *Child Development, 43*(4), 1171–1190. <https://doi.org/10.2307/1127506>

Beserra, M. A., Leitão, M. N. D. C., Fabião, J. A. D. S. A. D. O., Dixe, M. D. A. C. R., Veríssimo, C. M. F., & Ferriani, M. D. G. C. (2016). Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. *Escola Anna Nery, 20*(1), 183–191. <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20160024>

Bittar, D. B., & Nakano, A. M. S. (2017). Symbolic violence among adolescents in affective dating relationships. *Revista da Escola de Enfermagem da USP, 51*, e03298. <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2017003003298>

Borges, J. L., Heine, J. A., & Dell’Aglío, D. D. (2020). Variáveis pessoais e contextuais predictoras de perpetração de violência no namoro na adolescência. *Acta Colombiana de Psicología*, 23(2), 460–470. <https://doi.org/10.14718/acp.2020.23.2.16>

Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28(5), 759–775. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.28.5.759>

Bretherton, I. (1995). A communication perspective on attachment relationships and internal working models. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 60(2–3), 310–329. <https://doi.org/10.2307/1166187>

Capaldi, D. M., Kim, H. K., & Shortt, J. W. (2007). Observed initiation and reciprocity of physical aggression in young, at-risk couples. *Journal of Family Violence*, 22(2), 101–111.

Carrascosa, L., Ortega-Barón, J., Cava, M.-J., & Buelga, S. (2023). Analysis of the different roles of teen dating violence in peer victimization and aggression. *Behavioral Psychology/Psicología Conductual*, 31(3), 579–595. <https://doi.org/10.51668/bp.8323308n>

Caridade, S., & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: Uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, 27(1), 5–22. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v27i1.244>

Cardoso, J., & Veríssimo, M. (2013). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise Psicológica*, 31(4), 393–406.

Cassidy, J., & Shaver, P. R. (2016). *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (3rd ed.). Guilford Press.

Coelho, E. B. S., Silva, A. C. L. G. D., Lindner, S. R., Delpino, P. P., & Sanfelici, A. (2014). Violência: Definições e tipologias. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 10(1), 55–66.

Duschinsky, R. (2015). The emergence of the disorganized/disoriented (D) attachment classification, 1979–1982. *History of Psychology*, 18(1), 32–46. <https://doi.org/10.1037/a0038524>

Dwyer, K. M., Fredstrom, B. K., Rubin, K. H., Booth-LaForce, C., Rose-Krasnor, L., & Burgess, K. B. (2010). Attachment, social information processing, and friendship quality of early adolescent girls and boys. *Journal of Social and Personal Relationships*, 27(1), 91–116. <https://doi.org/10.1177/0265407509346420>

Espelage, D. L., & Holt, M. K. (2006). Dating violence and sexual harassment within the continuum of victimization among middle and high school students. *Journal of Youth and Adolescence*, 35(2), 181–191. <https://doi.org/10.1007/s10964-006-9109-7>

Espelage, D. L., Ingram, K. M., Hong, J. S., & Merrin, G. J. (2022). Bullying as a precursor to the development of sexual and dating violence in adolescence: A decade in review. *Trauma, Violence, & Abuse*. <https://doi.org/10.1177/15248380221180413>

Fernandes, A. F. (2013). Programas de sensibilização de violência no namoro e impacto nos jovens (Tese de Mestrado, Psicocriminologia). Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.12/2580>

Fernandes, E., Henriques, S., Mendes, S., & Ribeiro, E. (2016). Bullying: Conhecer para prevenir. *Millennium: Journal of Education, Technologies, and Health*, 49, 77–89.

Fernandes, M., Veríssimo, M., Santos, A. J., Ribeiro, O., Vaughn, B. E., Gastelle, M., & Kerns, K. A. (2021). Measurement invariance across mother/child and father/child

attachment relationships. *Attachment & Human Development*, 23(1), 56–74.
<https://doi.org/10.1080/14616734.2019.1710222>

Fernandez-Gonzalez, L., Wekerle, C., & Goldstein, A. L. (2012). Measuring adolescent dating violence: Development of the Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory short form. *Advances in Mental Health*, 11(1), 35–54.
<https://doi.org/10.5172/jamh.2012.11.1.35>

Ferreira, S. S., Oliveira, M., Aguiar, B., Ferreira, M., Guedes, R., Cordeiro, M., & Tavares, H. (2020). Dating violence: Knowledge and attitudes of adolescents and evaluation of the effectiveness of a brief intervention in high school students. *Nascer e Crescer - Birth and Growth Medical Journal*, 29(2), 78–85.

Foshee, V. A., Benefield, T. S., Reyes, H. L. M., Ennett, S. T., Faris, R., Chang, L. Y., & Suchindran, C. M. (2013). The peer context and the development of the perpetration of adolescent dating violence. *Journal of Youth and Adolescence*, 42(4), 471–486.
<https://doi.org/10.1007/s10964-012-9878-7>

Freitas, M. D. C. N. D., Santos, A. J., Ribeiro, O., Pimenta, M. M. R., & Rubin, K. (2018). Qualidade da amizade na adolescência e ajustamento social no grupo de pares. *Análise Psicológica*, 36(2), 219–234. <http://hdl.handle.net/10400.12/6460>

González-Cabrera, J., Calvete, E., León-Mejía, A., Orue, I., Machimbarrena, J. M., & Sánchez-Álvarez, N. (2020). Psychometric properties of the triangulated version of the European Bullying Intervention Project Questionnaire: Prevalence across seven roles. *Psychology in the Schools*, 57(1), 78–90. <https://doi.org/10.1002/pits.22320>

Guerreiro, A., Pontedeira, C., Sousa, R., Magalhães, M. J., Oliveira, E., & Ribeiro, P. (2015). Intimidade e violência no namoro: Refletir a problemática nos/as jovens. *Atas do Colóquio Internacional “Os jovens e o crime: Transgressões e justiça tutelar.”*

Hamstra, C., & Fitzgerald, M. (2022). Longitudinal effects from childhood abuse to bullying perpetration in adolescence: The role of mental health and social problems. *Journal of Child & Adolescent Trauma*, 15(3), 869–881. <https://doi.org/10.1007/s40653-021-00409-2>

Herculan, M. A. F. C., de Sousa, A. A. S., Sousa, C. M. S., Gurgel, L. C., de Almeida Cordeiro, A., de Lima, M. N. C. F., ... & Luz, D. C. R. P. (2020). Representações sociais de violência no namoro em adolescentes: Uma revisão sistemática. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 12(7), e3260. <https://doi.org/10.25248/reas.e3260.2020>

Laible, D. (2007). Attachment with parents and peers in late adolescence: Links with emotional competence and social behavior. *Personality and Individual Differences*, 43(5), 1185–1197. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2007.03.010>

Li, F., Gou, C., Tang, X., Qiu, Y., Deng, M., & Ji, X. (2024). Parental warmth, friendship quality, empathy and bystander defending behavior in cyberbullying among adolescents in China. *The Journal of Genetic Psychology*, 185(6), 477–488. <https://doi.org/10.1080/00221325.2024.2374712>

Lima, V., Vieira, F., & Soares, I. (2006). Vinculação em casais: Avaliação da representação da intimidade e da integração conjugal. *Psicologia*, 20(1), 51–63. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v20i1.377>

Maia, J. B., & Veríssimo, M. (2011). Teoria da vinculação: O salto do comportamento para o nível da representação. *Psicologia, Educação e Cultura*, 15(2), 380–393. <http://hdl.handle.net/10400.12/1214>

Marrone, M. (2022). A teoria da vinculação e alguns aspetos da sua aplicação clínica. *Revista PsiRelacional: Perspetivas Relacionais em Psicanálise*, 3, 203–214.

Martins, L. L. G. (2014). *Bullying: A violência entre adolescentes em contexto escolar: Uma meta-análise* (Dissertação de Mestrado). Universidade da Madeira.

Marty, F. (2006). Adolescência, violência e sociedade. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 9(1), 119–131. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982006000100009>

Matos, P. M., & Costa, M. E. (1996). Vinculação e processos desenvolvimentais nos jovens e adultos. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 30(2), 61–83.

Matos, P. M., & Costa, M. E. (2006). Vinculação aos pais e ao par romântico em adolescentes. *Psicologia*, 20(1), 97–126. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v20i1.379>

Minayo, M. C. D. S., & Souza, E. R. D. (1993). Violência para todos. *Cadernos de Saúde Pública*, 9(1), 65–78. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1993000100007>

Monteiro, L., Veríssimo, M., Vaughn, B. E., Santos, A. J., & Fernandes, M. (2008). Análise do fenómeno de base segura em contexto familiar: As relações criança/mãe e criança/pai. *Psicologia*, 22(1), 105–125. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v22i1.340>

Murta, S. G., Santos, B. R. P. D., Nobre, L. A., Araújo, I. F. D., Miranda, A. A. V., Rodrigues, Í. D. O., & Franco, C. T. P. (2013). Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes. *Psicologia USP*, 24(2), 263–288. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642013000200005>

Nascimento, A. M. T. D., & Menezes, J. D. A. (2013). Intimidações na adolescência: Expressões da violência entre pares na cultura escolar. *Psicologia & Sociedade*, 25(1), 142–151.

Normand, S., Miller, N. V., & Mikami, A. Y. (2023). Contributions of friends' problem behaviors to friendship quality in a sample of children with ADHD. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 52(2), 244–258. <https://doi.org/10.1080/15374416.2021.1941056>

Parra, A., Oliva, A., & Reina, M. D. C. (2015). Family relationships from adolescence to emerging adulthood: A longitudinal study. *Journal of Family Issues*, 36(14), 2002–2020. <https://doi.org/10.1177/0192513X13507570>

Pinto, A., Gatinho, A., Silva, F., Veríssimo, M., & Santos, A. J. (2013). Vinculação e modelo interno dinâmico do self em crianças de idade pré-escolar. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 14(3), 515–528.

Rubin, K., Fredstrom, B., & Bowker, J. (2008). Future directions in friendship in childhood and early adolescence. *Social Development*, 17(4), 1085–1096. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00445.x>

Santos, K. B. D., & Murta, S. G. (2016). Influência dos pares e educação por pares na prevenção à violência no namoro. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(3), 787–800. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000272014>

Silva, L. L. D., Coelho, E. B. S., & Caponi, S. N. C. D. (2007). Violência silenciosa: Violência psicológica como condição da violência física doméstica. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 11(21), 93–103. <https://doi.org/10.1590/S1414-328>

Sroufe, L. A. (2000). Early relationships and the development of children. *Infant Mental Health Journal*, 21(1-2), 67-74.

Sroufe, L. A., & Waters, E. (2017). Attachment as an organizational construct. *Interpersonal Development*, 109–124.

Veríssimo, M., Monteiro, L., & Santos, A. J. (2006). Para além da mãe: vinculação na tríade mãe–pai–criança. *Caderno do Bebê*, 73–85.

Waters, E., Corcoran, D., & Anafarta, M. (2005). Attachment, other relationships, and the theory that all good things go together. *Human Development*, 48(1–2), 80–84. <https://doi.org/10.1159/000083217>

Waters, E., Weinfield, N. S., & Hamilton, C. E. (2000). The stability of attachment security from infancy to adolescence and early adulthood: General discussion. *Child Development*, 71(3), 703–706. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00179>

Zhang, K., Purwono, U., & French, D. C. (2025). Loneliness in Indonesian adolescents: Associations with quantity and quality of friendship and status within and between peer groups. *Social Development*, 34(1), e12771. <https://doi.org/10.1111/sode.12771>